

A vida religiosa do último Imperador da Áustria

Estudo dos documentos do Processo

Giovanna Brizi

“Os reis de toda a terra hão de louvar-vos, ó Senhor” (Sl 138,4).

“Entre os reis que se distinguiram por terem louvado e glorificado o Senhor com a santidade da vida e das obras, está incluído, sem dúvida, o Servo de Deus Carlos da Áustria. Ele, de fato, consciente da origem divina de toda autoridade humana,¹ não aproveitou da própria posição de soberano para obter vantagens pessoais e sempre agiu segundo a justiça, para bem do seu povo, para o crescimento do Reino de Deus e a liberdade da Igreja que, como está expresso também na mensagem do Concílio Vaticano II aos governantes, pede a estes que assegurem “a liberdade de crer e de praticar sua fé, a liberdade de amar o seu Deus e de servi-lo, a liberdade de viver e levar aos homens sua mensagem de vida”²

Com estas palavras cheias de luz, abre-se o texto do “Decreto sobre as virtudes”, redigido por ocasião do reconhecimento, por parte dos Consultores Teológicos (29 de outubro de 2002) e dos Cardeais e Bispos (em abril de 2003), da prática em grau heróico das virtudes teológicas, cardeais e anexas pelo Servo de Deus Carlos da Áustria.

Compreendendo a “religiosidade” como “sentimento que exprime a experiência religiosa no plano individual”,³ é evidente que cada percurso humano, desemboque ou não na santidade canonizada, deve ser entendido, em virtude disso mesmo, como único e irrepetível. Esta necessária premissa de caráter geral, aparentemente tautológica, vale ainda muito mais para a figura, tão rica e complexa, que vamos analisar aqui sob o perfil religioso.

Outra premissa a termos presente é o *programa espiritual* que sempre determinou as escolhas deste jovem e desafortunado Imperador, que morreu com trinta e quatro anos, pobre e exilado numa ilha do Atlântico. Na última noite de sua vida, 1º de abril de 1922, ele disse à sua esposa: “Agora, quero dizer-lhe com absoluta franqueza como se dá comigo: Todo o meu empenho sempre foi reconhecer claramente, em tudo, a vontade de Deus e segui-la da maneira mais perfeita”.⁴ E este empenho o acompanhara todos os dias de sua vida.

Percorrendo as etapas de sua vida, pode-se muito bem dizer que, nele, esta incansável vontade de conhecer e seguir a Vontade Divina se transforma no pão cotidiano, no alimento essencial para aceitar sempre com resignação e serenidade as derrotas, as calúnias, as adversidades que precisou sofrer em sua breve existência.

Para ele, tudo foi dom de Deus, tanto as alegrias como as adversidades. Também gostava de repetir com frequência: “Encontramo-nos nas mãos da Divina Providência. Tudo o que nos acontece está bem. Apenas confiemos”.⁵

A Sra. Maria Lackner, que estava com seu marido, no dia 31 de dezembro de 1921, na Ilha da Madeira, conta como foi esta última Passagem de Ano na casa do

¹ Cf. Rm 13,1

² Decreto sulle virtù, Aprile 2003

³ Dizionario Zanichelli

⁴ Positio super virtutibus et fama sanctitatis, Roma: 1994. Summ. docc. T.I.S., p. 107.

⁵ Summ. test. p. 600, § 780, Imperatriz Zita.

Imperador, quando verdadeiramente todo o mundo parecia desmoronar sobre o Servo de Deus.

*“À tarde, como devoção de encerramento do ano, houve na capela da casa uma solene Bênção Eucarística. Estávamos apenas o Imperador, a Imperatriz e nós. Também foi rezado o ‘Te Deum’. Atrás de nós, ficava um ano que tinha sido o mais duro da vida do Servo de Deus. Ele encontrava-se longe da pátria, no exílio; na mais drástica necessidade material; estava separado de seus filhos e não sabia o que o dia seguinte haveria de lhe trazer de mal. Durante o ‘Te Deum’, nós, um após o outro, fomos nos silenciando, porque a dor nos fazia fugir a voz. Somente o Servo de Deus manteve-se firme e entoou forte e claramente o cântico ambrosiano até o fim, acentuando cada palavra. (...) Olhei-o com admiração. Percebia-se com toda evidência que para ele, naquele momento, existia apenas Deus – ninguém mais – e que aquele ‘Te Deum’ era um íntimo diálogo entre Deus e o seu mais fiel servidor. Na época, ele não sabia se tornaria a ver seus filhos, não sabia o que o dia seguinte haveria de lhe trazer, e contudo, rezou com muito fervor aquela oração de ação de graças”.*⁶

Mas tudo isso seria bem pouco, se este esforço quotidiano de fazer a vontade de Deus tivesse permanecido somente um ideal, algo “desencarnado”. Pelo contrário, podemos afirmar que se concretizava em todos os campos, sobretudo no seu relacionamento com o próximo: do amor incondicionado a Deus brotava outro, muitas vezes mais difícil de viver, voltado para o próximo. Podemos afirmar com São Tiago que a fé cooperava com as obras, e através dessas obras, a fé se torna perfeita.⁷

É preciso, então, percorrer a vida do Servo de Deus sob o aspecto religioso libertando o espírito, tanto quanto possível, de juízos pré-formados e de preconceitos, buscando reconhecer nela os traços de Deus e a natureza humana de Carlos. De fato, buscaremos mostrar não um homem ascético, impecável, tão distante do sentir comum como irreal, mas *“julgar a vida e as obras de um homem que, na sua breve existência, exerceu um cargo que por muito tempo no mundo ocidental foi o mais elevado que um leigo poderia ocupar, isto é, o de Imperador. E ele esteve à frente, justamente, daquele Império que pode ser considerado o legítimo herdeiro do extinto poder do Sacro Império Romano”*.⁸

A principal fonte de onde haurir as melhores e mais fidedignas notícias sobre a vida do Servo de Deus é, sem dúvida, a *“Positio super virtutibus et fama sanctitatis”*, que agrupa no seu conjunto pouco menos de 2.700 páginas, com mais de 85 textos provenientes dos interrogatórios do Processo Ordinário de Viena e dos inquéritos de Luxemburgo, Nova York, Friburgo, Paris, Le Mans e Funchal. Mais de 70 entre esses relatos são de testemunhas oculares. A massa de documentos anexos é também muito impressionante: mais de 1120 páginas. Um estudo independente da Dr^a Elisabete Kovács sobre a *“Conformidade entre textos e documentos”*, que faz parte integrante da própria *Positio*, unido a outros três estudos históricos específicos preparados pelos renomados membros da Comissão Histórica, assim conclui: *“Como já constatado, todos os fatos históricos encontrados nos testemunhos verbais, concordam com os conhecimentos da investigação (...)”*.⁹ Então, não existem razões científicas válidas para duvidar da credibilidade dos dados expostos na *Positio*.

“Carlos viu a luz do mundo em 17-8-1887, em Persenbeug, às margens do Danúbio. Um menino delicado, pequeno, que devia ser criado com muito cuidado e

⁶ Summ. test. pp. 390-391, §§ 561-562, Maria Lackner.

⁷ Cf. Tg 2,22

⁸ Relatio et vota di Consultori storici, Voto 4, T.I.A., p. 22

⁹ Positio, Summ. docc. II, p. 521

amor".¹⁰ Assim testemunha a Marquesa Crescência Pallavicini, dama de corte da jovem Maria Josefa, mãe do Servo de Deus.

O parto foi particularmente difícil – tanto é que o menino nasceu com o fórcipe – e quase custou a vida de sua mãe.

O ambiente familiar que acolheu o pequeno Carlos não foi, certamente, um dos melhores. O matrimônio de seus pais, de fato, não podia ser definido como um casamento feliz. A mãe, Arquiduquesa Maria Josefa, por nascimento Princesa da Saxônia, era uma *“mulher muito piedosa, rigorosamente católica, mas não possuía nenhuma flexibilidade e vivia sempre segundo um programa estabelecido; não sabia demonstrar o amor e calor que, provavelmente, sentia dentro de si”*,¹¹ como declara sua neta Elisabete Carlota.

De uma personalidade totalmente diferente era o seu pai, o Arquiduque Otto Francisco José da Áustria: *“homem muito atraente, bom, mas de caráter um pouco fraco. Seu grande charme, sua beleza, espírito de artista e o seu jovial prazer com os divertimentos, podem, muito provavelmente, terem dado motivos a faltas em sua juventude”*.¹²

Apesar da diferença de caracteres, ambos sempre tiveram a peito a educação moral, civil e religiosa do seu primogênito, subtraindo-o ao risco de crescer como “filho do Estado” devido à sua proximidade dinástica do trono.

Como todas as crianças de sua estirpe, ele é confiado a várias governantas e, depois, a alguns preceptores que se ocupam de maneira concreta da educação do juvenzinho, embora sob as diretivas da mãe, que nunca intervinha pessoalmente, mas limitava-se a um poder, diríamos, de vigilância.

Entre seus preceptores, aquele que exerceu maior influência na formação do futuro Imperador foi, sem dúvida, o Conde Jorge Wallis: *“católico praticante e muito piedoso; fiel servidor do Imperador até o fundo da alma”*.¹³ Amou ao pequeno como a um filho seu, mas *“fora de dúvida, com a melhor das intenções, usou com o jovem Arquiduque de uma rigidíssima disciplina, que certamente deu origem a algumas horas duras à criança, por natureza delicada de corpo e espírito”*.¹⁴ Aos vários tutores leigos vieram também se ajuntar sacerdotes para a formação religiosa do menino. Primeiro, o Padre Norberto Geggerle, O.P. e, em seguida, o Bispo sufragâneo Dom Gottfried Marschall, que lhe deu a Primeira Comunhão e administrou-lhe a Crisma.

Como é natural para as crianças de sua idade, Carlos teve a oportunidade de alternar durante seu dia os momentos de estudo e de lazer. Particular atenção foi dada ao estudo das línguas, pois era de norma conhecer todas as línguas faladas no vasto Império. Algumas testemunhas falam que o Servo de Deus era fluente em mais de sete línguas.

Todas as testemunhas são concordes em descrever Carlos como um menino cheio de vida, inteligente, obediente, bom, generoso e sensível, de saúde frágil, inclinado às funções religiosas e às práticas de piedade.

Criança *“sobremaneira conscienciosa, nunca passava perto de uma igreja sem parar para fazer alguma oração; era visto muitas vezes na capela da própria casa; dizia pontual e conscienciosamente suas orações diárias; todas as tardes fazia seu exame de consciência com rigor”*.¹⁵ Visitava com muito gosto os santuários marianos,

¹⁰ Summ. test. p. 74, Marquesa Crescência Pallavicini.

¹¹ Summ. test. pp. 195-196, Arquiduquesa Elisabete Carlota da Áustria e Princesa de Liechtenstein.

¹² Summ. test. p. 40, Condessa Teresa Korff Schmising Kerssenbrock.

¹³ Summ. test. p. 128, Anna Tachezy.

¹⁴ Summ. test. p. 786, Condessa Teresa Korff Schmising Kerssenbrock.

¹⁵ Summ. test. p. 63, § 80, Rafaela Schmalzhofer Holzlechner.

em especial o de Maria Taferl, dos quais trazia para casa pequenas lembranças. Certa vez, uma casa pegou fogo perto de Reichenau e o menino logo esvaziou seu cofrinho para dar o dinheiro à família atingida pelo incêndio.¹⁶

Remonta também ao período de sua infância o significativo episódio referido por sua esposa, a Imperatriz Zita: “*O Servo de Deus tinha grande devoção à Mãe de Deus como sua Mãe do céu. Certa vez, quando menino, brincando, lançou ao ar um galho de árvore e este, por acaso, atingiu um pequeno nicho dedicado à Virgem. Embora isso tivesse ocorrido sem nenhuma intenção de sua parte, o Servo de Deus começou a chorar imediatamente, porque lhe doía muito ter ferido Nossa Senhora. Por toda a sua vida, mostrou uma especial devoção aos nichos dedicados a Virgem Maria, e com muita freqüência decorava-os com flores ou guirlandas para manifestar-lhe – como me disse – que nunca quis machucar Nossa Senhora*”.¹⁷

Os anos da juventude, Carlos os transcorreu com a família em Viena, em Augarten. Dali, ia com facilidade até a igreja paroquial de São Leopoldo para dedicar-se às práticas de piedade, sempre que podia. Todos os seus tutores descrevem-no como um rapaz irrepreensível, com grande autodomínio, reservado e modesto, sem interesse no relacionamento com mulheres,¹⁸ mas, também, sereno e alegre, dado às viagens e a outros são divertimentos.¹⁹

Devido a uma queda de patins, causada deliberadamente por um coetâneo ciumento, Carlos sofreu uma grave fratura na perna, cujas seqüelas carregará para sempre, jamais recuperando a perfeita desenvoltura para andar. Tal episódio é particularmente elucidador para compreender o ânimo do Servo de Deus: não só sempre se recusou a dizer o nome do rapaz que lhe havia causado um tão grave dano, mas também nunca lhe guardou rancor, embora tivesse que se submeter a uma dolorosíssima cirurgia sem anestesia e de êxito incerto.²⁰

Seguiu seus estudos ginasiais e colegiais, como aluno externo, no “*Schottengymnasium*” de Viena e, depois, segundo as precisas indicações de seu pai Otto,²¹ os estudos universitários, com direcionamento jurídico-econômico, em Praga.

Em 1903, como era o costume, inicia-se para ele a carreira militar. Tinha apenas 16 anos quando foi nomeado Subtenente do 1º regimento dos Ulanos e foi-lhe conferido ser membro da “Ordem do Tosão de Ouro”. “*As fortes implicações religiosas que esta Ordem exige de seus cavaleiros e o privilégio de poder ter uma Santa Missa celebrada junto a si em qualquer parte, causaram particular satisfação ao Servo de Deus*”.²²

Também no que diz respeito à vida militar, o juízo é absolutamente unânime: sempre zeloso e consciencioso, disponível para com seus companheiros, solícito para com eles, não lhes fazendo pesar o seu grau e o seu posto. Sentiu-se perfeitamente à vontade na vida militar e vestiu a farda quase até a morte, não como sinal de autoridade, mas de serviço à Pátria. Muito querido por seus companheiros, independentemente da etnia a que pertencessem, professou sempre abertamente a sua fé, jamais descuidando da recitação do *Benedicite*²³ e do *Angelus*.

É nesta fase que se dá aquilo que sua esposa Zita define como “*um eclipse de poucos meses*” e que ela mesma conta nos seguintes termos:

¹⁶ Summ. test. pp. 786-787, § 958, Condessa Teresa Korff Schmising Kerssenbrock.

¹⁷ Summ. test. p. 563, § 744, Imperatriz Zita da Áustria e Rainha da Hungria.

¹⁸ Summ. test. p. 64, § 81, Rafaela Schmalzhofer Holzlechner.

¹⁹ Summ. test. add. p. 81, Marquesa Crescência Pallavicini.

²⁰ Summ. test. pp. 198-199, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

²¹ Summ. test. pp. 87-88, Carta do Arquiduque Otto da Áustria.

²² Summ. test. pp. 67-68, § 20, Imperatriz Zita.

²³ NT: A bênção da mesa antes das refeições.

“Por certo tempo, depois da declaração de sua maioridade e a completa liberdade que esta trouxe consigo (casa própria, dinheiro próprio, distanciamento da família e de todos os amparos existentes até então), sua aspiração à perfeição caiu na tibieza. Um grande impulso para isso foi dado pela infeliz afirmação do Arquiduque Francisco Ferdinando. Este, depois da morte de seu pai, tornara-se seu tutor e era considerado um fervoroso católico. Deu ao jovem rapaz alguns conselhos para sua vida futura e lhe disse: ‘Guarde-se das mulheres; mas, se você não puder passar sem elas, então, faça como eu fiz: cuide de sua saúde!’ Dado que meu sogro tinha morrido em virtude de uma doença desta espécie, tais palavras chocaram fortemente o rapaz, que pensou consigo mesmo que se alguém como o seu tio Francisco podia dar-lhe um tal conselho, então, a severidade com que a questão fora até agora tratada não podia ser justificada do ponto de vista religioso. Julgou, assim, que o motivo de pintar tão negro este pecado era, sobretudo, a preocupação de que ele viesse a ser vítima de uma grave doença, como seu pai. Contudo, resistiu ainda por algum tempo às sugestões de vários colegas do regimento, os quais igualmente lhe asseguravam que não havia nada de mal naquilo. Por fim, foi esclarecer suas dúvidas no confessor, as quais agravaram-se em virtude de sua jovem idade. O sacerdote não deve ter compreendido bem a pergunta, uma vez que o esclarecimento recebido, de forma alguma, era positivamente contrário. Apesar disso, demorou ainda algum tempo até que dois de seus companheiros trancaram-no com uma mulher. Este foi o início de ‘um eclipse de poucos meses’. O Servo de Deus disse-me que suas faltas naquele período foram raríssimas, pois sempre lhe assaltavam um grande arrependimento e aversão.

*Depois de breve tempo, renunciou definitivamente a esta vida e voltou a exercitar-se nas virtudes. Após ter-me dito estas coisas, o Servo de Deus perguntou-me se depois desta comunicação eu ainda estava disposta a casar-me com ele. Sentia como um dever de consciência confessar-me, antes do casamento, estas suas faltas. Ao mesmo tempo, prometeu-me manter inviolavelmente a fidelidade. Antes das núpcias, o Servo de Deus também me declarou que tinha feito diante de Deus o explícito juramento de que me haveria de confessar, no máximo em vinte e quatro horas, qualquer falta. Ele sentiu-se induzido a fazer isso em virtude do infeliz matrimônio de seus pais, pois julgava que a causa desta infelicidade conjugal estava na falta de confiança entre seu pai e sua mãe”.*²⁴

Qualquer acréscimo ou omissão ao presente relato, feito pelo próprio Servo de Deus à sua noiva e à sua futura sogra, são igualmente arbitrários.

Em 1911, casou-se com Zita de Bourbon-Parma. Sem dúvida, não foi uma escolha improvisada, visto que ambos já se conheciam desde crianças, pois Carlos tinha laços de amizade com os irmãos de Zita.

O matrimônio foi celebrado por Dom Bisleti, que leu o sermão preparado pelo próprio Papa Pio X para essa ocasião. Tendo recebido em audiência privada há pouco tempo a futura esposa, ele predisse que Carlos seria Imperador e a exortou a alegrar-se *“porque via no Servo de Deus a recompensa que o céu outorgava à Áustria por toda a sua fidelidade à Igreja e ao Papa”.*²⁵

Certamente, o Servo de Deus foi conquistado pela bela e numerosíssima família de Zita. Madre Antônia de Bourbon-Parma, religiosa beneditina e irmã de Zita, está convencida de que *“o Servo de Deus sentiu-se arrebatado pela nossa bela vida familiar, pela atmosfera profundamente cristã e tão pura da nossa casa”.*²⁶

²⁴ Summ. test. pp. 63-64, § 18, Imperatriz Zita.

²⁵ Summ. test. p. 568, Imperatriz Zita.

²⁶ Summ. test. p. 893, ad 100, Madre Maria Antônia de Bourbon-Parma.

Ambos os noivos prepararam-se com muita seriedade para o matrimônio, conscientes do sacramento que iriam receber, cuidadosamente orientados pelo Padre Carlos Maria Andlauer, famoso pregador jesuíta, a quem Carlos teve a oportunidade de conhecer no Colégio dos jesuítas em Kalksburgo, para onde se dirigia a fim de praticar esportes quando jovem.²⁷ Padre Andlauer teve muita influência na vida do Servo de Deus e, durante um certo tempo, foi também seu confessor.

Foi com extrema seriedade e convicção que Carlos disse à sua futura esposa: “Agora, devemos nos ajudar um ao outro a chegar ao céu”.²⁸ Confiando no auxílio divino, quis que nas alianças fosse gravado “*Sub tuum praesidium confugimus, Sancta Dei Genitrix*” (À vossa proteção recorreremos, ó Santa Mãe de Deus) e, nos dias que se seguiram ao matrimônio, o jovem casal foi em peregrinação a Mariazell, onde colocou sob a proteção de Nossa Senhora a vida conjugal que estava a se iniciar.

Madre Maria Antônia descreve assim a vida familiar do casal: “*Um modelo concreto do ideal cristão; uma harmonia perfeita de pensamentos e princípios. Sem segredos entre eles, eram totalmente abertos e leais um ao outro. Otimistas por natureza, a graça divina produziu neles uma confiança heróica em Deus, um fervoroso amor por Cristo e uma ilimitada fé em seu amor, o qual era fortificado pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus e à Nossa Senhora. O Servo de Deus sempre foi o melhor dos maridos para sua esposa e pai exemplar para seus filhos. Rezavam com frequência juntos e ocupavam-se ativamente da educação dos filhos. O Servo de Deus falava muito das questões religiosas com sua esposa e, também, da vida espiritual. E, se ela ajudou-o a abrir-se, ele lhe mostrou, na sua maneira de ser tão simples, o caminho da perfeição*”.²⁹

Sem dúvida, Zita teve uma forte influência no crescimento espiritual do marido, trazendo à família dos Habsburgo outras fortes e enraizadas tradições católicas dos Bourbon.

Depois do casamento, Carlos prosseguiu com sua carreira militar e, tal como para seu pai, também para sua nascente família, as mudanças foram numerosas e nem sempre confortáveis.

Teve a possibilidade de participar com entusiasmo do Congresso Eucarístico que se deu em Viena em 1912, junto de sua jovem esposa que, dentro em pouco o faria pai do primeiro de seus amadíssimos oito filhos, o último dos quais veio à luz depois de sua morte.

Com o assassinato do tio Francisco Ferdinando, ocorrido aos 28 de junho de 1914, Carlos torna-se o Herdeiro Presuntivo. Mas, o homicídio em Sarajevo foi o início do fim: a Europa e a Áustria jamais voltariam a ser as mesmas, e Carlos, num turbilhão de acontecimentos, encontrar-se-ia lançado numa das maiores tragédias da História moderna.

“*Pio X, logo após o assassinato do Arquiduque em Sarajevo, enviou a Carlos, através de um alto funcionário do Vaticano, uma carta na qual lhe pedia que apresentasse a Francisco José o perigo de uma guerra que haveria de trazer enormes desgraças para a Áustria e toda a Europa. Mas, o conteúdo dessa carta veio a ser conhecido por quem tramava a favor dos eventos bélicos, e o funcionário foi interdito na fronteira italiana. Carlos recebeu a missiva muito tempo depois, em pleno conflito, quando já era tarde demais para esconjurá-lo*”.³⁰

²⁷ Summ. test. p. 171, Barão Gustavo Grimm-Szepes Etelvar.

²⁸ Summ. test. p. 70, Imperatriz Zita.

²⁹ Summ. test. pp. 854-855, Madre Maria Antônia de Bourbon-Parma.

³⁰ Summ. test. p. 769, § 936, Príncipe Xavier de Bourbon-Parma.

Depois do estourar da guerra, Carlos entra no Supremo Comando Militar do Arquiduque Frederico e do Marechal de Campo Conrado von Hötendorf, para ser introduzido, na qualidade de futuro Imperador, na alta estratégia militar, depois de ter cursado a instrução teórica junto ao Estado Maior. Aos 10 de setembro de 1914, Carlos chega ao fronte, na Galícia, mas devido ao comportamento hostil de von Hötendorf, foi excluído do Comando. Sentindo-se inútil, pede e obtém licença para poder visitar, em nome do Imperador, as tropas da primeira linha. Conhece, assim, todos os comandantes em segunda e os soldados em todos os setores dos vários fronts, condecorando os oficiais de mérito e oferecendo relatórios não falsificados sobre a situação militar a Francisco José. Em 1916, Carlos teve o Comando do XX Corpo de Armada (Edelweiss). A sua ação foi decisiva para vencer a Romênia e para deter o avanço dos russos, enquanto que a ofensiva no fronte italiano culminou com a vitória de Folgária.

*“Dos seus sucessos militares, a História nos fala”,*³¹ mas, sem dúvida, em nenhuma vitória encontrou satisfação. Ver aqueles escombros e corpos massacrados era para ele, homem de paz, absolutamente insuportável.

Lê-se que, *“permanecendo em perfeita tranqüilidade, sob os carregados tiroteios, ele, de fato, desgastou o terço de ouro que trazia sempre consigo, rezando-o em segredo. Assim, a Arquiduquesa precisou arranjar-lhe um novo”*.³² Este terço fora presente de Pio X.³³ Certa vez, para salvar um oficial subalterno, aventurou-se entre as ondas do rio Isonzo em cheia, arriscando a própria vida.³⁴ A fim de que não fossem feitos sacrifícios inúteis, inspecionava sempre pessoalmente as posições no fronte, expondo-se ao perigo. Buscou, em vão, obter tréguas temporárias para permitir a salvação dos feridos depois das batalhas mais duras.

Como Comandante do Corpo, o Arquiduque Carlos era particularmente querido, pois era solícito como um pai para com as necessidades físicas e espirituais dos seus subalternos. O Padre Bruno Rodolfo Spitzl, capelão militar, conta a este propósito que, durante uma marcha forçada de um destacamento do seu regimento ao longo da estrada do vale de Astico rumo a Arsiero, o Servo de Deus ocupou-se providencialmente de um velho soldado que, devido a ferimentos nos pés, não conseguia mais caminhar. O médico julgou-o estar agindo com fingimentos e, assim, repreendeu-o asperamente. Carlos constrangeu o médico a verificar, na sua presença, as condições do pobre homem. *“O médico sentiu-se incomodado quando viu aquilo que se apresentava a seus olhos e escutando o sucessor ao trono dizer-lhe: ‘Não creio que nem o senhor, nem eu teríamos marchado por tanto tempo como este homem com os pés neste estado! Providencie o mais rápido possível que ele parta para um hospital. Depois, irei pedir um relatório’*.”³⁵

Ainda o Padre Spitzl recorda o cuidado e atenção que o Servo de Deus demonstrava nas suas inspeções a fim de que os soldados tivessem a necessária assistência espiritual e como o viu aliviado ao saber *“que no regimento se dava pouca importância às funções religiosas de ostentação e que se buscava, sobretudo, pelo menos uma vez ao mês e em todas as subdivisões – mesmo nos lugares de combate – a oportunidade de se ter a Santa Missa e de receber os santos sacramentos”*.³⁶

³¹ Summ. test. pp. 367-369, Dr. Erich Thanner.

³² Summ. test. p. 369, Dr. Erich Thanner.

³³ Summ. test. p. 564, § 746, Imperatriz Zita.

³⁴ Summ. test. p. 328, ad 13, Baronesa Zdenka von Gudenus.

³⁵ Summ. docc. pp. 165-166, Padre Bruno Rodolfo Spitzl.

³⁶ Summ. test. p. 166, Padre Bruno Rodolfo Spitzl.

Humanamente falando, cumpriu sempre de modo perfeito o código cavalheiresco de todo bom oficial, mas como cristão procurou sempre colocar em prática as obras de misericórdia corporais e espirituais em favor de seu próximo.

Aos 21 de novembro de 1916, depois de dois anos do início da hostilidade, com a morte do tio-avô Francisco José, Carlos torna-se Imperador com o nome de Carlos I.

O momento é assim recordado pela Imperatriz Zita: *“No dia 21 de novembro de 1916, junto ao leito de morte do Imperador Francisco José, o Servo de Deus assumiu o reino. Foi um momento particularmente comovente; ele o aceitou ajoelhado diante da imagem de ‘Nossa Senhora da cabeça inclinada’, com o rosário nas mãos”*.³⁷

“Por sua vontade pessoal, no Manifesto de Ascensão ao trono foi inserida uma frase que afirmava o absoluto desejo de paz do jovem monarca”.³⁸

No dia 30 de dezembro seguinte, foi coroado Rei Apostólico da Hungria com o nome de Carlos IV.

A dualidade da monarquia Austro-húngara remontava a 1867, quando, com o reconhecimento da autonomia húngara, os territórios do Império foram divididos em dois blocos: a Cisleitânia, sob administração austríaca, e a Transleitânia, sob administração húngara. As Constituições, os governos e presidentes dos Conselhos eram distintos, enquanto que as duas partes conservavam em comum o Imperador – Imperador da Áustria e Rei da Hungria – e os Ministérios das Relações Exteriores, das Finanças e da Guerra.

Sua esposa assim descreve o evento: *“Para ele, a coroação teve um significado extraordinariamente grande; considerava a investidura que a Igreja lhe concedia em nome de Deus. Todos os deveres que naquela solene cerimônia o Servo de Deus jurou cumprir, ele os assumiu com a mais profunda fé e fez deles o programa de sua vida futura. Na coroação, todo o povo é confiado por Deus ao soberano e, a partir de então, ele deve viver para os seus súditos; cuidar, rezar, sofrer por eles e santificar-se para conduzi-los a Deus. O dia da coroação foi um grande momento na vida do Servo de Deus que, desde aquele acontecimento, andou ainda mais decidido rumo a Deus”*.³⁹

Este aspecto é verdadeiramente fundamental para compreendermos as sucessivas escolhas feitas pelo Servo de Deus: *“a graça de sua dignidade de soberano provinha-lhe de Deus, e a consagração por parte da Igreja parecia-lhe essencial”*.⁴⁰ Foi por isso que alimentou o propósito de, uma vez terminada a guerra, fazer-se ungir de maneira solene também Imperador da Áustria. Um juramento puramente formal sobre uma Constituição – que ele, aliás, tinha em mente mudar – não responde, de modo algum, às suas íntimas convicções. É soberano por graça de Deus; não para sua glória pessoal, mas para servir aos seus povos e a Igreja de Cristo. Obedecendo à diretiva espiritual de São Roberto Bellarmino, ele levará o cetro como se leva a cruz.

Alguns dias depois da ascensão ao trono, Carlos assumiu automaticamente o Comando Supremo de todas as tropas e, também nesta qualidade, visitou muitas vezes os fronts, indo até as primeiras linhas e tomando parte pessoalmente em numerosas batalhas, sempre revelando coragem e calma exemplares, mesmo debaixo dos golpes da artilharia inimiga. Contudo, diante das carnificinas, entrava num forte conflito com aqueles profundos princípios morais e religiosos dos quais o seu ânimo estava impregnado. Poucas horas depois do término da décima primeira batalha de Isonzo, o fotógrafo da corte, Schuhmann, viu-o chorar à vista dos cadáveres carbonizados e

³⁷ Summ. test. p. 533, Imperatriz Zita.

³⁸ Summ. test. p. 369, § 540, Dr. Erich Thanner.

³⁹ Summ. test. pp. 533-534, Imperatriz Zita.

⁴⁰ Summ. test. p. 142, ad 16, Ana Francisca Maria Lamich.

dilacerados. Naquela ocasião disse: “*Nenhum homem pode responder por isso diante de Deus. Eu ponho um ponto final. E isso, o mais breve possível*”.⁴¹

Como Imperador, tornou-se ainda mais forte a sua convicção de dever percorrer todas as possíveis vias diplomáticas para conseguir a paz. E isso a tal ponto que os aliados alemães o acusaram de covardia, pois só conheciam uma possível paz: a “paz vitoriosa”.

Também prodigalizava-se como podia para mitigar as atrocidades da guerra. Opôs-se firmemente ao uso de gases letais no fronte oriental; foi irremovível na sua decisão de não fazer bombardear as cidades italianas; bateu-se contra o emprego dos submarinos para atingir as cidades inimigas localizadas à margem do Adriático – primeira entre todas, Veneza –, apesar do escárnio, dos insultos e da indignação do aliado alemão. Para ele, a população civil era absolutamente intocável.

“*Destituí ou colocou em postos que não tinham importância política e militar os responsáveis pelo estourar da guerra*”.⁴²

Ao mesmo tempo, com o intuito de salvaguardar a moralidade de seus soldados, abraçou com entusiasmo a idéia do Padre Guilherme Schmidt de instituir, em todos os fronts, as “*Casas do soldado*” onde qualquer um poderia encontrar uma acolhida familiar e a oportunidade de um entretenimento e de comprar gêneros disponíveis com um bom preço. Aí também havia jornais e revistas, livros e jogos honestos. Estas casas impediam que os militares se dessem a distrações menos proveitosas à alma e ao corpo, e tornaram-se um modelo para todos os Estados beligerantes. Naturalmente, nem sempre as iniciativas do Servo de Deus foram aceitas de boa vontade. Por exemplo, o General Bardoff achou motivos de críticas a propósito das enérgicas medidas imperiais contra certos “*usos imorais*” (os bordéis) do exército, considerados “*higiênicos e razoáveis*” pelos militares de grau mais elevado.⁴³ Cuidou pessoalmente da distribuição de rosários entre os militares; com um rescrito, fez com que se celebrasse a Missa nas estações de aquartelamento, não só nos domingos e dias festivos, mas também nos dias feriais, com um sermão.⁴⁴

Buscou, tanto quanto lhe era possível, atenuar e tornar mais humana a situação dos prisioneiros de guerra; participou de iniciativas de repatriamento entre o Império Austro-húngaro e a Rússia e a Itália; verificava pessoalmente o bom tratamento dos prisioneiros nos campos, ajudava e sustentava como podia os soldados que voltavam do fronte; sempre se recusou a tomar medidas de represália contra os civis dos países inimigos que permaneceram no seu país.⁴⁵

A abolição do duelo, uma prática muito difundida e difícil de extirpar, suscitou-lhe fortíssima oposição. “*É preciso recordar que desde o princípio, pela recusa ao duelo, o Servo de Deus, potencialmente enfrentou a perda da existência burguesa (tanto do grau militar, como do título de nobreza), do habitual círculo social e, portanto, o possível exílio. (...) Por causa de sua perseverante luta contra o duelo, que culminou por fim na sua absoluta proibição, o Servo de Deus perdeu, de fato, consideração e acatamento de uma parte do corpo oficial. No entanto, ele preferiu tomar sobre si este dano, que não era de se subestimar especialmente em tempo de guerra, a tolerar que seus oficiais continuassem neste pecado*”.⁴⁶ Nesta mesma ótica deve ser entendida a

⁴¹ Summ. test. p. 371, ad 18, Dr. Erich Thanner.

⁴² Summ. test. p. 466, ad 18, Barão Carlos Werkmann von Hohensalzburg.

⁴³ Summ. docc. p. 267.

⁴⁴ Summ. test. p. 176, § 272, Barão Gustavo Grimm-Szepes Etelvar.

⁴⁵ Summ. test. p. 636, § 821, Imperatriz Zita.

⁴⁶ Summ. test. pp. 509-510, ad 38, Barão Carlos Werkmann von Hohensalzburg.

abolição da pena de “*atar*”,⁴⁷ isto é, de penas corporais que podiam ser infligidas aos soldados, consideradas indignas do ser humano pelo Servo de Deus.

Durante os últimos tempos da guerra, a escassez de provisões se tornou sempre mais drástica. A fome, a miséria e a morte mostravam-se ser os verdadeiros vencedores do conflito.

O Servo de Deus fez de tudo para dividir e aliviar as dificuldades do seu povo. Organizou cozinhas populares; empregou os cavalos da corte para a distribuição de carvão em Viena; lutou desesperadamente contra a corrupção e a usura; deu e distribuiu mais do que lhe permitiam os seus meios. Ele mesmo e sua família viviam em base ao racionamento oficial de guerra.⁴⁸ Proibiu o uso do pão branco em sua casa, mandando-o distribuir entre os doentes e feridos, e aboliu toda espécie de requinte. Não é de se admirar que seus oficiais declarassem que a comida era melhor na frente do que na casa do Servo de Deus!⁴⁹

Evitou qualquer forma de nepotismo, obrigando seu irmão Max, que demorava-se de bom grado em Viena, a ir para o fronte e cumprir seu dever como qualquer outro oficial.⁵⁰

Proibiu a requisição das casas, por parte dos oficiais, nas localidades mais próximas ao fronte, consentindo apenas o uso de hospedarias e albergues. Por isso, foi chamado de “*Patrono da defesa dos lares*”.⁵¹

Carlos compreendeu também que para conseguir a tão desejada paz externa era necessário colocar ordem na própria casa. Para realizar isso, inspirou suas medidas sociais na Encíclica “*Rerum Novarum*”. É nesta direção que devem ser lembradas suas iniciativas de instituir um Ministério da Previdência Social e outro para a Saúde Pública; a idéia de transformar a monarquia em um Estado federativo, no qual cada nacionalidade poderia desenvolver-se no seu próprio âmbito; o projeto de reforma agrária para a Boêmia e a Hungria; a legislação em favor das classes trabalhistas, que trouxe notáveis benefícios; a introdução do controle dos preços para tornar mais fácil a vida dos menos abastados.

Estabeleceu que os grandes cargos se tornassem honorários, ou seja, não mais remunerados, e que seus alojamentos não fossem mais decorados com luxo; aumentou os estipêndios dos empregados da corte; os trabalhadores diaristas foram assumidos estavelmente e os seus anos de diaristas foram contados para a aposentadoria.

Puniu com muita severidade todos aqueles que, abusando da própria posição, tiravam benefícios pessoais dos negócios de Estado. O General Auffenberg, Ministro da Guerra do Reich, foi exonerado do seu Comando e enviado a um júri de honra por ter recebido das fábricas Skoda uma provisão pelo fornecimento de novos obuses.⁵² Proibiu o Arquiduque Leopoldo Salvador, General de artilharia, de vender suas invenções à própria artilharia e o constrangeu também à restituição de todos os lucros da patente. De fato, julgava imoral que um rico Arquiduque recebesse um percentual de sua invenção, cujo uso ordenava em todo o âmbito da artilharia austríaca.⁵³ Mesma sorte coube a um rico Arquiduque que fazia grandes negócios com a venda de legumes secos ao exército.

⁴⁷ Summ. test. p. 521, § 702, Barão Carlos Werkmann von Hohensalzburg. NT: Atar os punhos aos tornozelos.

⁴⁸ Summ. test. p. 307, ad 17, Dr. Erich Thanner.

⁴⁹ Summ. test. p. 173-174, ad 17, Barão Carlos Werkmann von Hohensalzburg.

⁵⁰ Summ. test. p. 247, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁵¹ Summ. test. p. 635, § 818, Imperatriz Zita.

⁵² Summ. test. p. 189, § 293, Barão Gustavo Grimm-Szepes Etelvar.

⁵³ Summ. test. p. 524, § 706, Barão Carlos Werkmann von Hohensalzburg.

Foi-lhe consentido apenas o ganho normal de uma propriedade agrícola. O Servo de Deus tinha horror de tirar proveito da fome do próximo.⁵⁴

Elaborou novas leis para a proteção da juventude e contra a “literatura barata”; impediu a formação de uma imprensa sob a direção do chefe maçônico Dr. Sieghart; propôs ao episcopado, infelizmente sem sucesso, a ereção de igrejas provisórias nos superpovoados bairros operários de Viena e a pregação de missões populares em toda a monarquia.⁵⁵

Em sua constante busca da paz e da justiça, no dia 2 de julho de 1917, concedeu a anistia geral para remediar as múltiplas injustiças que se verificaram na aplicação das penas por parte dos Tribunais Militares. Por exemplo: um camponês da Galícia foi culpado de alta traição porque tinha rezado pelo Czar; uma bailarina tivera a mesma sorte porque respondera um tanto desrespeitosamente a um oficial que a estava molestando.⁵⁶ Tal atitude, como fora oportunamente previsto pela esposa Zita, atraiu contra o Servo de Deus hostilidades e calúnias. Contudo, bem consciente das conseqüências, disse que não esperava gratidão, mas que lhe importava apenas o direito e a conciliação dos povos. Bastava-lhe ter cumprido seu dever diante de Deus e de seu próximo,⁵⁷ pois o direito de mostrar indulgência – disse – é a mais bela prerrogativa da Coroa.

Enquanto isso, a vida espiritual do Servo de Deus crescia e refinava-se, lutando, todos os dias contra desilusões, derrotas e calúnias.

De fato, como muitas vezes ocorre com relação a um soberano reinante, também contra o Servo de Deus foram lançadas baixas e infames calúnias, provenientes de grupos e movimentos contrários a ele que, naquele momento, era o soberano mais católico da Europa e o mais fiel à Igreja de Roma. Durante o Processo de beatificação, a consistência de tais calúnias foi profundamente estudada e, aos 31 de outubro de 1977, Dom Amato Pedro Frutaz, Subsecretário da Congregação para a Causa dos Santos, declarava que *“as calúnias circuladas com o intuito de ferir a honra do Imperador e para desacreditá-lo junto ao povo causaram grande sofrimento ao Servo de Deus, justamente porque sem fundamentos.*

As mais graves são: as amantes, a embriaguez, a infelicidade matrimonial e, portanto, a sua infidelidade conjugal. As ‘Memórias’ da Sra. Lauffer, uma desventurada, agressiva e mentirosa prostituta, definida pelo Tribunal como ‘suspecta et fide non digna’ (suspeita e não digna de fé), não são outra coisa senão um amontoado de fatos e obscenidades privadas de qualquer fundamento (...) para realizar o seu fim ganancioso de extorquir dinheiro.

O Tribunal Ordinário de Viena, por meio dos interrogatórios, (...) propostos a testemunhas em condições de conhecer a vida pública e privada do Servo de Deus, lançou luz sobre todos esses boatos acima mencionados e, ainda, recolheu informações extremamente claras e convincentes. (...) Todas as calúnias imputadas ao Servo de Deus mostram-se privadas de fundamento e em nítido contraste com o teor de vida descrito por 71 testemunhas (...).”⁵⁸

As palavras do Evangelho de Mateus, neste caso, revelam-se mais oportunas do que nunca: “Felizes sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem

⁵⁴ Summ. test. pp. 247-248, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁵⁵ Summ. test. p. 403, ad 51, Padre Guilherme Schmidt.

⁵⁶ Summ. test. p. 203, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁵⁷ Summ. test. pp. 656-657, § 846, Imperatriz Zita.

⁵⁸ Summ. test. add. pp. 125-126, Dom Amato Pedro Frutaz.

toda espécie de mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa nos céus”.⁵⁹

Mas, também no âmbito familiar, não faltaram as decepções. Ele, contudo, sempre buscou aplinar da melhor forma as discórdias, como no assunto relativo às heranças que lhe foram deixadas e a seu irmão Max. Por amor à paz, isto não foi resolvido até a morte do Imperador, embora o deixasse em seriíssimas restrições econômicas.⁶⁰ E, também, como no caso do legado que o seu tutor Francisco Ferdinando fez-lhe assinar, sem seu conhecimento e ainda menor de idade, em favor de seus filhos. Também aqui manteve-se fiel ao documento assinado, mesmo se injustamente.⁶¹

A força para suportar tais provas provinha-lhe da oração incessante e da contínua união com Deus, que sustentava e nutria com a participação diária da Santa Missa, a adoração Eucarística e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Confessava-se regularmente a cada oito dias e era cuidadoso na santificação dos Domingos e na observância dos dias de jejum. Gostava sobremaneira dos salmos e recitava quotidianamente dois dentre eles: o “*Miserere*” e o salmo 90.⁶²

Venerava de modo especial a Virgem Maria e a honrava rezando com freqüência o terço, também em família; trazia com devoção o escapulário, segundo o uso da confraria que acolheu também todos os seus filhos. Estes, justamente para honrar à Maria, traziam também tal nome e, até a idade de três anos, só deviam usar roupas com as cores de Nossa Senhora a que tinham sido consagrados.⁶³

Pendurava uma medalha de Nossa Senhora no berço de seus filhos.⁶⁴

Detinha-se, sozinho, muitas vezes em meditação diante das estações da Via Sacra de sua capela privada.⁶⁵

Antes de qualquer escolha importante, o Servo de Deus retirava-se para a capela, sozinho, para poder ponderar a sua decisão diante do Santíssimo e “*rezar a seu respeito*”, como costumava dizer.⁶⁶

Tinha uma grande devoção para com o Espírito Santo e, durante as negociações de paz, rezava diariamente, depois da Santa Missa, o *Veni Creator*. Manteve esta bela prática também depois da obtenção da paz, julgando que o mundo tivesse necessidade, mais do que nunca, da iluminação divina.⁶⁷

Aos 2 de outubro de 1918, por ocasião da Primeira Comunhão de seu filho Otto, consagrou toda a sua família ao Sagrado Coração de Jesus, incluindo nesta consagração todas as nações da monarquia. O Ato de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus era recitado na capela da família todas as primeiras sextas-feiras do mês; a ladainha do Coração de Jesus e o pequeno ofício do Coração de Jesus estavam entre suas orações preferidas.⁶⁸

A festa de *Corpus Christi* era sempre celebrada solenemente. É esta a razão pela qual o Bispo Fischer-Colbry o definiu como o “*Imperador Eucarístico*”.⁶⁹

⁵⁹ Mt 5, 11-12

⁶⁰ Summ. test. p. 232, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁶¹ Summ. test. p. 248, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁶² Summ. test. p. 567, § 748, Imperatriz Zita.

⁶³ Summ. test. p. 148, § 226, Ana Francisca Maria Lamich.

⁶⁴ Summ. test. p. 214, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁶⁵ Summ. test. p. 511, ad 41, Barão Carlos Werkmann von Hohensalzburg.

⁶⁶ Summ. test. p. 558, § 740, Imperatriz Zita.

⁶⁷ Summ. test. p. 555, Imperatriz Zita.

⁶⁸ Summ. test. p. 556, Imperatriz Zita.

⁶⁹ Summ. test. p. 556, Imperatriz Zita.

Venerava de maneira especial a São Miguel, a quem elegeu como patrono do Exército Imperial; ensinou seus filhos a rezarem quotidianamente ao próprio Anjo da Guarda; era grande também sua devoção para com São José, como prova o fato de dar aos seus filhos, além do nome próprio e o de Maria, o de José.

Teve grande solicitude pela beatificação do Padre Marcos de Aviano, e nutria uma particular devoção pelo Irmão Conrado de Parzham, então já canonizado, trazendo sempre consigo uma relíquia sua, mesmo durante a doença que o levou à morte. Venerava também o santo pároco Maaß Von Fließ no Tirol, além dos santos patronos de seus países e de São Carlos Borromeu.⁷⁰

Nunca iniciava uma refeição sem rezar antes e, ao meio-dia, em qualquer parte que estivesse, rezava o *Angelus*.

Tinha particular apreço pelas indulgências e procurava lucrá-las. A indulgência da Porciúncula, por exemplo, ele a lucrava com alegria e zelo ano após ano. Também estimava muito o seu crucifixo, que tinha indulgência plenária *in articulo mortis*, e o trazia sempre consigo.⁷¹

Sempre professou publicamente sua fé, sem escondê-la por razões de conveniência ou oportunidade. Participava das Procissões de *Corpus Christi*, sempre evocava a Deus em todos os seus escritos, rezava pelo fim do cisma da Boêmia, considerava um grandíssimo escândalo o fato de que a Áustria não tivesse um grande jornal católico próprio.

Sua retidão moral jamais cedia. É significativo o episódio contado por Elisabete Carlota: *“O governo alemão tinha idealizado um plano através do qual queria fazer a Rússia e a Itália caírem, ou seja, tinha projetado deixar passar pelo seu território, num vagão blindado, certos dirigentes comunistas que se encontravam no estrangeiro e introduzi-los clandestinamente na Rússia e na Itália. Se não me engano, tratava-se de Lenin e Trotzky para a Rússia; quem estivesse destinado para a Itália, não me recordo mais. Estes deviam provocar a revolução no país, e depois, os fronts haveriam de cair por si sós. O Servo de Deus recusou-se da maneira mais enérgica a isso, por duas razões: principalmente porque o comunismo é deveras contra a religião; e depois, também por prudência, compreendendo que uma ideologia política não fica detida nas fronteiras. Esta atitude de meu pai foi útil na medida em que nenhum comunista foi introduzido na Itália, nem a Áustria teve culpa de que a Alemanha tenha mandado, por detrás de suas costas, Lenin para a Rússia”*.⁷²

Então, não é sem razão que Clemenceau afirmou: *“O Imperador Carlos na Áustria equivale a um Papa na Europa Central”*.⁷³

Seu respeito e obediência filial à Igreja de Cristo eram ímpares. Sempre pronto a defender e a sustentar a Igreja, como um bom filho, acolheu com alegria a abolição do direito de veto à eleição papal e renunciou para sempre ao direito de apresentar e nomear Bispos em diversas Dioceses, tão só para fazer prevalecer os interesses do Papa, mesmo às custas de suas prerrogativas imperiais.⁷⁴ Devido ao seu amor pela Igreja de Cristo, opôs-se à sua pessoa a potente maçonaria francesa, que possuía seus adeptos também nos altos postos austríacos: Ministros, banqueiros, editores. A demissão do Dr. Sieghart, conhecido e poderoso maçom, do cargo de Diretor do Instituto de Crédito Fundiário causou reboiço também na França. A partir de então, sofreu repetidos e

⁷⁰ Summ. test. p. 556-567, Imperatriz Zita.

⁷¹ Summ. test. p. 579, § 49.

⁷² Summ. test. pp. 221-222, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁷³ Summ. test. p. 445, ad 53, Arquiduque Roberto da Áustria.

⁷⁴ Summ. test. p. 244, § 363, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

violentos ataques por parte da maçonaria que, desde 1915 tinha seu plano para a repartição e destruição do Império.⁷⁵

Nunca permitiu que em sua presença alguém falasse mal do Papa ou do Vaticano. Bento XV o chamava “seu filho predileto” e “foi por amor ao Papa – assim relembra sua filha Elisabete Carlota – que ele reagiu imediatamente às tentativas de paz do Santo Padre e foi o único Chefe de Estado a responder à mensagem de paz de 24 de dezembro de 1916 do Santo Padre. Quando Bento XV ordenou que se rezasse uma oração pela paz, ele logo a mandou imprimir. Tais folhetos foram colocados por toda parte em sua capela privada. E, quando depois de um mês, o capelão deixou de rezar esta oração, meu pai lhe pediu, por favor, que a continuasse a rezar. A princípio, o clérigo não o quis, porque dizia que o Santo Padre a mandava rezar apenas para poupar à Itália uma derrota por parte da Áustria. Diante da ulterior insistência de meu pai, o Padre ficou mais indignado, mas a rezou assim mesmo. (...) Nos esforços pela paz do Servo de Deus em união com o Santo Padre, ele encontrou grandes dificuldades com o Núncio vienense de então, Dom Valfré de Bonzo, o qual compreendia mal muitas coisas e as referia às avessas. Durante uma visita a Munich, meu pai conversou várias horas com o Núncio Pacelli e, em seguida, pediu que se mandasse o Arcebispo Pacelli como Núncio em Viena. Também comentou com minha mãe que, se ele estivesse em Viena: ‘Nós dois juntos conseguiríamos a paz’.”⁷⁶

A paz era o pedido premente de Bento XV; e a paz era a única ambição que Carlos conhecia. Para conseguir este fim, percorreu todos os caminhos possíveis, inclusive pela tentativa de uma paz separada com a França, sabotada pelas intrigas de seu próprio Ministro das Relações Exteriores, o Conde Ottokar Czernin.

A partir do ponto de vista que nos interessa, isto é, o comportamento cristão do Servo de Deus em qualquer circunstância, tentaremos explicar as motivações que levaram à assinatura da falsa palavra de honra no “Caso Sixto” e que ficam evidenciadas na *Positio*. O Dr. Friedrich Funder foi testemunha ocular direta dos acontecimentos e relata uma visita ao seu escritório do ex-Ministro das Relações Exteriores nos seguintes termos: “Nossa conversa, naturalmente, girou em torno do ponto crítico: como teria sido possível ao Imperador apresentar um texto diferente e atenuado da carta a Sixto, citada literalmente por Clemenceau, sobre a restituição da Alsácia-Lorena, tornando, desta forma, o homem de Estado francês um inimigo não mais reconciliável com a Áustria. O Imperador Carlos precisara afirmar por escrito, como autêntico, o novo texto que Ottokar Czernin tinha recebido. Perguntava-se como isso teria sido possível, considerando como evidente o fato de que o texto citado por Clemenceau era o autêntico. E, então, vim saber da tremenda verdade.

Durante nossa conversa, Czernin se mostrara sempre mais excitado e pusera-se de pé. ‘Tratava-se da minha vida e da honra de minha família’ – gritou. ‘Encontrei o Imperador estirado sobre o divã, com uma bolsa sobre a cabeça. Estava exausto, acabado. E eu lhe disse: Ou Vossa Alteza assina a declaração ou dou-me um tiro! Então, ele assinou’. Mas como o senhor pôde fazer isso contra toda a verdade – gritei aterrorizado e indignado. A conversa interrompeu-se repentinamente e não teve seguimento”.⁷⁷

O Relator Geral, Padre Ambrósio Esser, desenvolve assim a argumentação a tal propósito: “(...) deixando de lado todas as possíveis reservas mentais, neste caso, o Servo de Deus Carlos veio a se encontrar, verdadeiramente, diante de um insolúvel ‘casus complexus’, sofrendo, ademais, um ataque cardíaco. Como todos os bons

⁷⁵ Summ. test. pp. 222-225, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁷⁶ Summ. test. pp. 215-216, Arquiduques Elisabete Carlota.

⁷⁷ Summ. test. p. 699, Imperatriz Zita.

católicos de então, ele acreditava que a alma de um suicida fosse diretamente para o inferno. O Conde Czernin, na sua exaltação, era de fato capaz de realizar a ameaça de suicídio. Se o tivesse cometido, o Imperador teria que se acusar por toda a sua vida de ter causado a condenação de uma alma ao inferno e também teria sido acusado de ter causado o ato desesperado de seu Ministro das Relações Exteriores. Sem dúvida, a escolha de Czernin para Ministro foi a mais infeliz do jovem monarca. Contudo, este se sentia obrigado a seguir os conselhos de seu tio assassinado. E não se podia prever que Czernin haveria de se tornar o instrumento cego de Ludendorff, alma negra do Estado Maior General alemão”.⁷⁸

Nos seus esforços para conseguir a paz, o Servo de Deus também precisou suportar ser definido como um fraco e covarde. Na verdade, as suas obstinadas tentativas “foram também definidas como traição com relação ao aliado alemão que conhecia apenas a ‘paz vitoriosa’”.⁷⁹

E acabou que “seus nobres esforços naufragaram, em parte devido à incapacidade, em parte devido à falta de consciência dos diplomatas, tanto de um lado como de outro, de modo que até o radical da esquerda francesa, Anatole France, pôde escrever: ‘O Imperador Carlos é o único homem decente, durante a guerra, a ocupar um posto de direção, mas não foi escutado. Desejou sinceramente a paz, e por isso foi desprezado por todo o mundo; perdeu-se uma esplêndida oportunidade’”.⁸⁰

A derrota do Servo de Deus foi, pelo contrário, a vitória daqueles que, como explica Francisco Fejtö, tinham “a obsessão de uma vitória total (...). No decorrer da guerra – que se atolou mais de uma vez em pontos mortos, dos quais, tradicionalmente, se saía com negociações e compromissos –, apresentou-se uma idéia nova: a da vitória total, a qualquer custo. Não mais se tratava de constranger o inimigo a ceder, a recuar, mas de infligir-lhe chagas incuráveis; não se tratava mais de humilhá-lo, mas de destruí-lo. Este conceito da vitória total condenava, a priori, ao falimento qualquer tentativa razoável de colocar fim, com um compromisso, a um massacre inútil. A guerra mudou não só ‘quantitativamente’, mas também, para adotar um conceito hegeliano, qualitativamente. Esta idéia não se originou apenas da exasperação dos líderes militares ante a derrota ou paralisia de batalhas que esses julgavam decisivas. Tampouco provinha dos Gabinetes diplomáticos e das Chancelarias. Parecia erguer-se das profundezas populares. Tinha um aspecto quase que místico; era ideológica. Consistia em demonizar o inimigo, fazer da guerra de poder uma guerra metafísica, uma luta entre o Bem e o Mal, uma cruzada.”⁸¹

Podemos muito bem dizer com o salmsita no salmo 11,3: “Quando os próprios fundamentos do universo se abalam, o que pode ainda o justo?”. Assim, apesar de todas as tentativas de Carlos, a paz foi conseguida com a força das armas.

1918 foi o ano da capitulação. No Piave, em Marna, Amiens, Vittorio Veneto e por toda parte, o destino da Alemanha e do Império Austro-húngaro estava marcado. Wilson pronunciou seus “14 pontos” para a manutenção da paz mundial. A Romênia assinou o tratado de paz com a Entente, a Bulgária se rendeu, a Checoslováquia e a Polônia declararam sua independência, a Turquia assinou o armistício e o Kaiser abdicou, permitindo o nascimento, no ano seguinte, da débil República de Weimar.

Neste momento dramático, o Imperador está sozinho, exposto a qualquer um que tivesse querido matá-lo. No Palácio de Schönbrunn, não havia sequer as sentinelas militares e apenas um grupo de jovens cadetes assumiu voluntariamente o serviço de

⁷⁸ *Relatio et vota dei Consultori storici*, p. 83.

⁷⁹ Summ. test. p. 144, ad 20, Ana Francisca Maria Lamich.

⁸⁰ Summ. test. pp. 272-273, § 403, Hermano Büeler de Florin.

⁸¹ François Fejtö, *Réquiem per un Impero defunto*, Milano, 1990.

guarda.⁸² As tropas fiéis ainda estavam no fronte, de modo que, mesmo se tivesse querido, não teria podido opor resistência aos tumultos das ruas que iam crescendo, guiados por *‘homens políticos sem consciência’*.⁸³

Aos 11 de novembro de 1918, para evitar inúteis derramamentos de sangue e sob a pressão de seus Ministros, assinou o Manifesto em que se lê: *“Sempre invadido de um imutável amor por todos os meus povos, não quero ser obstáculo ao seu livre progresso. Reconheço a priori aquilo que a Áustria alemã decidir a respeito da escolha de sua futura forma de Estado. O povo assumiu o próprio governo por meio de seus representantes. Renuncio a qualquer participação no governo do Estado. Ao mesmo tempo, exonero de seu mandato o meu governo austríaco”*.⁸⁴

O Conde Otto Czernin depõe desta forma: *“No desmoronamento da monarquia, o Servo de Deus se comportou admiravelmente, como em todas as outras ocasiões. Não renunciou ao trono, pois o seu ponto de vista era que o reino lhe tinha sido imposto por graça de Deus como um dever, e que ele não podia subtrair-se a tal dever. Renunciou temporariamente ao exercício temporal dos seus direitos soberanos, aceitando, porém, como vontade divina tudo o que, então, lhe atingia. O único desejo do Servo de Deus era evitar, também naquela situação, qualquer derramamento de sangue. Estava compenetrado do princípio cristão do amor ao próximo para agir assim e não de outra forma”*.⁸⁵

No dia seguinte, 12 de novembro de 1918, foi proclamada a República e a queda da monarquia. Os bens sujeitos ao Erário da corte foram confiscados e, na mesma tarde, Carlos, com toda a sua família, teve que deixar Viena rumo à sua casa de caça em Eckartsau, mas, antes de deixar o Palácio de Schönbrunn, fez uma visita de despedida ao Santíssimo.⁸⁶ Enquanto isso, alastrava-se na Hungria a revolução e o Primeiro Ministro Tisza foi assassinado pelos revolucionários.

Em Eckartsau, esperava-o um período difícil e humilhante. Tratado como um prisioneiro comum, rigorosamente vigiado de dia e de noite por um Coronel inglês (entre outras coisas, para evitar que a família dos Habsburgo sofresse a mesma sorte dos Romanov na Rússia), observado pelos “Guardas Vermelhos” que muitas vezes dificultavam os fornecimentos de víveres, Carlos cai doente até a primavera de 1919.⁸⁷

Apesar desta situação, o Servo de Deus continuou, todas as tardes, a rezar o *Te Deum*, e o fez cantar no dia 31 de dezembro de 1918, em ação de graças por tudo quanto o ano que expirava tinha trazido. Propuseram-lhe omiti-lo. Ele, porém, respondeu que, naquele ano, muitas graças tinham sido alcançadas, graças às quais devia agradecer. Declarou que, naquele ano, o bom Deus tinha-lhe dado provas particulares de sua bondade, melhor: que o tinha cumulado com tais provas. Também, se o ano parecia ter sido muito duro, poderia muito bem ter se tornado ainda pior, e se da mão de Deus recebemos com gratidão o bem, então, devemos receber, com a mesma gratidão, aquilo que é penoso. Ademais, naquele ano, tinha-se terminado a terrível carnificina internacional.⁸⁸

Nunca se demonstrou inquieto ou alterado. Pelo contrário, mostrava-se contente por finalmente ter mais tempo para dedicar-se à esposa e aos filhos.

⁸² Summ. test. p. 84, ad 26, Ana Hubalek Pohl.

⁸³ Summ. test. p. 378, ad 26, Dr. Erich Thanner.

⁸⁴ Summ. test. p. 581, Imperatriz Zita.

⁸⁵ Summ. test. p. 358, § 530, Conde Otto Czernin-Chudenitz.

⁸⁶ Summ. test. p. 542, ad 27, Imperatriz Zita.

⁸⁷ Summ. test. pp. 490-491, §§ 673-674, Barão Carlos Werkmann von Hohensalburg; pp. 204-205, ad 27, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁸⁸ Summ. test. pp. 602-603, § 784, Imperatriz Zita.

Neste período, os pedidos e as súplicas para que abdicasse multiplicaram-se, mas nada valeu para fazê-lo desistir da decisão tomada. Quando seu irmão Max e outros três Arquiduques foram ter com ele a fim de convencê-lo a evitar a confiscação dos bens da família através da abdicação, o Servo de Deus respondeu somente que a coroa não era para ser vendida por dinheiro.⁸⁹

Vista a determinação do Servo de Deus a não abdicar, o governo austro-alemão no poder o expulsa do país, depois de ter pedido e obtido da Suíça a disponibilidade de concessão ao asilo.

Em 23 de março de 1919, a Família Imperial transfere-se para a Suíça e aos 3 de abril de 1919, a Assembléia Nacional Austro-alemã decretou o exílio e o confisco dos bens, também pessoais, do Servo de Deus e de sua família inteira.

Através de diversos testemunhos, fica claro que, durante o exílio suíço, mais de uma vez, altos expoentes da maçonaria ofereceram ao Servo de Deus a possibilidade de retomar, através de sua ajuda, o trono do qual, também por causa deles, ele tinha sido deposto, com a condição de que admitisse leis mais liberais com relação ao matrimônio, um sistema de escola livre e a admissão da maçonaria na Áustria.⁹⁰ A resposta que o Servo de Deus dava a tais propostas era verdadeiramente exemplar: *“Aquilo que recebi das mãos de Deus não posso aceitá-lo das mãos do demônio”*.⁹¹

“Como Rei Apostólico da Hungria, o Servo de Deus sentiu-se sempre obrigado a fazer de tudo para recolocar este país novamente em pé. Naquele tempo, moveu-o particularmente o desejo do Santo Padre Bento XV que lhe pedira para retornar à Hungria e aí levantar um baluarte de proteção para a Santa Igreja”.⁹² Estas palavras de Zita, confirmadas também pelo último Chefe de Gabinete, o húngaro Dr. Alàdar di Boroviczény,⁹³ permitem compreender a razão profunda que levou o Servo de Deus às duas tentativas falidas de restauração na Hungria. A primeira, realizada em 24 de março de 1921, faliu depois de doze dias, com a repentina partida do Rei para impedir a guerra civil iminente e a intervenção de potências estrangeiras.

De volta à Suíça, é submetido a medidas mais severas de vigilância e à obrigação de comunicar às autoridades locais sua eventual partida do país. Assim foi estabelecido com o intento de evitar uma nova tentativa de restauração na Hungria, onde Carlos era ainda oficialmente reconhecido como Rei, inclusive pelo *“lugar-tenente”* Almirante Horthy, então, Regente.

Também no tempo do exílio, não deixou de visitar com grande amor os lugares de peregrinação mariana. Em Maria-Einsiedeln edificou os monges com a sua devoção à imagem milagrosa e, apesar das limitações financeiras, deixou como dom um precioso anel com uma rara pérola negra, o qual, posteriormente, foi incrustado na coroa da Virgem.⁹⁴

A Comunhão diária era para ele um momento irrenunciável. Se não lhe fosse possível recebê-la em casa, então, buscava uma igreja ao longo do seu caminho. Recitava, todos os dias, junto com seus filhos, o *Angelus* e sofreu muito quando, encontrando-se no Cantão suíço de Vaud, protestante, não podia escutar os sinos repicarem em lembrança da Anunciação.⁹⁵

⁸⁹ Summ. test. p. 204, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

⁹⁰ Summ. test. p. 133, § 202, Irmã Josefa do Pobre Menino Jesus.

⁹¹ Summ. test. p. 145, § 221, Ana Francisca Lamich.

⁹² Summ. test. p. 545, § 730, Imperatriz Zita.

⁹³ Summ. test. pp. 397-398, § 572, Dr. Alàdar de Boroviczény.

⁹⁴ Summ. test. pp. 444-445, Emília Gehrig.

⁹⁵ Summ. test. p. 555, Imperatriz Zita.

Impelido novamente por alguns políticos internacionais – que pressagiavam um fortalecimento da Alemanha às custas do desfeito Império Austro-húngaro –, pela catastrófica situação interna da própria Hungria, pela obrigação que, como Rei, Carlos deveria passar um certo tempo, cada ano, em solo do Reino de Santo Estêvão sob pena de deposição e, sobretudo, levado pelas sempre mais crescentes preocupações do Santo Padre, que temia agora uma sovietação da Europa,⁹⁶ Carlos empreendeu, em outubro de 1921, a segunda e última, também falida, tentativa de restauração na Hungria. A respeito da conveniência e oportunidade de tal tentativa, que também custou muito em termos de vidas humanas, um dos consultores históricos afirma: *“O Servo de Deus estava na Suíça a contragosto; na verdade, apenas suportava o exílio. O seu reino encontrava-se numa situação caótica; sentia que era chegada a última hora do seu mandato – para ele, um encargo recebido de Deus e aceito com juramento e que muitos esperavam que ele levasse a cabo. Havia razões preponderantes de ordem moral para que ele agisse assim. Depois, naturalmente, fica a esclarecer também se o plano foi sábio. As declarações (mesmo dos peritos militares) concordam em afirmar que foi escolhido o último momento possível”*.⁹⁷

Também durante a sua viagem de trem rumo à Hungria, o Servo de Deus não renunciou ao conforto da Santa Comunhão e pediu ao reverendo Padre Davi que celebrasse a Missa junto aos trilhos da ferrovia, em Bia-Torbagy, e, no dia seguinte, numa garagem junto à estação.⁹⁸

Quatro dias após o malogro da segunda tentativa de restauração, o Servo de Deus foi preso e conduzido como prisioneiro para a Abadia de Tihany, separado de seu séqüito e posto debaixo de rigorosa guarda. *“Aí, foi-lhe recusado participar da Santa Missa e receber a Santa Comunhão até mesmo num dia de festa solene. Este tratamento do Servo de Deus por parte de Horthy foi condenado da maneira mais áspera possível até pelos ambientes antimonárquicos (...)”*.⁹⁹ Constantemente solicitado a abdicar, respondeu sempre com uma forte recusa, a ponto de Horthy pensar em recorrer ao Cardeal Primaz da Hungria, o Arcebispo João Csernoch, para obter aquela abdição voluntária que teria tornado menos absurda e ilegal a destituição do Rei. Mas, o Cardeal, fiel ao Rei, respondeu: *“Eu, que coroei o Rei, não posso aceitar uma ordem de pedir-lhe para renunciar ao trono”*.¹⁰⁰

O encontro com o Cardeal se deu em 20 de outubro de 1921. *O Cardeal ficou muito impressionado com a audiência que teve junto ao casal real. O Rei estava com os cabelos grisalhos; a Rainha tinha emagrecido, estava cansada e sem ânimo. Ambos falavam com serenidade e de maneira muito inteligente. Sua fé era inabalável. Estavam profundamente convictos da necessidade de sua causa”*.¹⁰¹

O Primaz relatou à conferência episcopal que tinha exposto claramente ao Rei a difícil situação e a ameaça de uma intervenção militar por parte das potências estrangeiras.

O Rei teria declarado considerar, segundo seu juramento sobre a coroa, seu grave dever defender a Coroa de Santo Estêvão. Por isso, estava pronto a acolher as pesadas provas do destino e a *“subir, conscientemente, com fé e determinação o Monte Calvário”*. Ele declarou ao Cardeal que não tinha, absolutamente, abdicado. O Primaz

⁹⁶ Summ. docc. p. 1079.

⁹⁷ *Relatio et vota Consultori storici*, p. 46.

⁹⁸ Summ. test. p. 560, Imperatriz Zita.

⁹⁹ Summ. test. p. 179, Barão Gustavo Grimm-Szepes Etelvar.

¹⁰⁰ Summ. docc. pp. 420-421.

¹⁰¹ Summ. docc. pp. 420-421.

concordou, pois a abdicação espontânea por parte do Rei teria sido pior que a sua violenta destronização”.¹⁰²

Neste meio-tempo, preocupou-se em escrever para seus filhos, transferidos para o Castelo de Wartegg, para não perderem a esperança e para rezarem ainda mais insistentemente diante do tabernáculo, junto do qual estariam logo todos reunidos.¹⁰³

Depois de alguns dias por demais humilhantes e duros na Abadia de Tihany, a 1º de novembro de 1921, o casal imperial foi entregue aos ingleses e conduzido, pelo Danúbio, numa embarcação rumo a uma meta desconhecida. Mas, antes de partir, o Servo de Deus recebeu do Núncio a bênção apostólica e também as palavras encorajadoras que o Papa quis que chegassem a ele. O Comandante deste navio monitor, falando do comportamento do Servo de Deus nesta circunstância, disse: *“Mostrou-se um católico piedoso, e foi o maior exemplo de coragem e dignidade diante da adversidade que tive a graça de ver”*.¹⁰⁴

Através do testemunho de Zita, podemos seguir a narrativa daquela tão penosa viagem para o exílio: *“Depois de muitas mudanças de embarcações, passando por Constantinopla, Dardanelos e as ilhas gregas rumo à costa africana, dirigimo-nos para Gibraltar, onde soubemos o destino de nossa viagem. A maneira como o pequeno navio estava arrumado era muito precária, embora os oficiais em serviço fizessem de tudo para aliviar nossa estadia. (...) O Servo de Deus ressentiu muito dolorosamente não ter nenhuma possibilidade de assistir a uma Santa Missa e de receber a Santa Comunhão. Ele o pediu repetidas vezes, mas, até Gibraltar, todas as suas instâncias foram em vão. (...) Durante a parada em Gibraltar, foi permitido que um sacerdote viesse a bordo para celebrar a Santa Missa. O Servo de Deus ajudou como coroinha e ambos comungamos. Naquela ocasião, também nos confessamos e pedimos água benta. Depois desta breve parada, a viagem prosseguiu rumo à Ilha da Madeira, onde chegamos no dia 19 de novembro de 1921”*.¹⁰⁵

Os cinco últimos meses de vida que o Servo de Deus passou no exílio, na distante ilha do Atlântico, foram para ele como um cadinho no qual se purifica o ouro fino. Sofrimentos, humilhações, desilusões, mortificações, privações e pobreza foram o seu pão cotidiano. E, contudo, ninguém ouviu sair de sua boca uma única lamentação ou palavra de condenação para com seus perseguidores, mas, voltado sempre mais para Deus que lhe havia escolhido um caminho diferente, aceitou subir com Cristo o Monte Calvário, para abraçar sua cruz.

Quando de sua chegada na Ilha da Madeira, o Servo de Deus encontrou-se, de fato, diante do nada. Não tinha dinheiro, não tinha notícias da Europa, estava separado de seus filhos, mas a primeira coisa que quis foi que, na pequena casa em que se aloja temporariamente, fosse preparada uma capela doméstica para a celebração diária da Eucaristia.

Estava totalmente resignado à vontade de Deus, e bem *“antes da doença que o levou à morte, compreendeu que Deus lhe pedia o sacrifício da vida. Fez, com fortaleza e boa vontade de ânimo, tal sacrifício, pois era Deus quem o pedia. Ofereceu até o sacrifício de sua vida a Deus para o bem da Igreja e das almas imortais”*.¹⁰⁶

Quando, depois de alguns meses conseguiu ter consigo toda a família, outra terrível notícia abateu-se sobre ele. As jóias pessoais, com a renda de cuja venda pretendia viver, foram roubadas e, portanto, impossibilitado de pagar o aluguel da casa

¹⁰² Summ. docc. pp. 421-422.

¹⁰³ Summ. test. p. 146, Ana Francisca Maria Lamich.

¹⁰⁴ Summ. docc. pp. 166-167.

¹⁰⁵ Summ. test. p. 552-553, Imperatriz Zita.

¹⁰⁶ Summ. test. pp. 553-554, § 733, Imperatriz Zita.

até então ocupada em Funchal, precisou aceitar a oferta de um rico português que colocou à disposição da família sua casa de verão no Monte: três quartos muito precários.

Aos 19 de fevereiro, mudaram-se para a nova residência, que devido às suas características e à sua posição, era, definitivamente, imprópria para aquele período frio e cheio de névoas. Era quase que impossível aquecê-la, e viver aí era nocivo para a saúde. As testemunhas contam que, por causa da umidade, a água corria das paredes¹⁰⁷ e que, quando se abria a janela, penetravam no cômodo densos vapores de neblina.¹⁰⁸

Na mesma tarde do dia da chegada, o Servo de Deus reuniu toda a família para a oração em volta da lareira acesa da sala de jantar e pediu ao Padre Zsámboki que benzesse a casa “*a fim de que, aqui, entrem também a paz e a alegria*”.¹⁰⁹

Uma vez que também isso fazia parte dos planos de Deus, o Servo de Deus aceitou tudo de bom grado, confortado pela fé, pela companhia de todos os seus filhos e da amada esposa – que já esperava a última filha – e, ainda, pela alegria de ter próximo da casa um Santuário mariano, o de Nossa Senhora do Monte, onde dentro de poucos meses seria sepultado.

Amável e respeitoso como sempre, passava o dia muito feliz com toda a família, dedicando grande parte do seu tempo à educação e à formação dos filhos, em especial dos dois mais velhos; enfim livre para gozar plenamente das alegrias da paternidade, sem nenhuma restrição de tempo.

Como já fizera quando eram bem pequenos, instruiu-os sobre o catecismo, sobre a História Sagrada e a vida do Redentor. Fazia de tudo para dirigir suas almas e suas mentes para Deus.¹¹⁰ Tinha o belo costume de levar os filhos, mesmo ainda muito pequenos, para a capela, a fim de apresentá-los ao Senhor e, juntando-lhes as mãos, ensinava-os a rezar.¹¹¹ Além disso, abençoava-os, desde o primeiro instante de suas vidas, com água benta e repetia este gesto, todas as noites, antes de se porem na cama para dormir, colocando-os sob a proteção de seus Anjos da Guarda.¹¹²

A família não tinha nem cozinheiros, nem criados [no início do exílio], e também não tinha dinheiro, de modo que o Bispo da Ilha da Madeira ofereceu-se para pagar algumas despesas, mas o Servo de Deus recusou a oferta, agradecendo-o.¹¹³

Assim o recorda, naquele tempo, o Cônego Mons. Antônio Homem de Gouveia: “*No trato quotidiano com Sua Majestade, admirei sua fé extraordinária, prática, subordinando todos os seus atos à vontade de Deus, suportando com a máxima resignação todos os reveses e contrariedades, jamais tendo uma única palavra contra os seus inimigos, procurando, pelo contrário, desculpá-los, dizendo que eram instrumentos da Divina Providência. Passava grande parte da noite na presença do Santíssimo Sacramento, conservado no oratório de sua casa e, por mais urgentes que fossem, jamais resolvia assuntos importantes sem antes estar junto ao Santíssimo Sacramento. (...) Participava da Santa Missa com uma devoção verdadeiramente impressionante; recebia quotidianamente a Santa Comunhão, edificando todos os circunstantes pela sua eminente piedade e fé, manifestada até nos mais simples movimentos. (...) Em casa, era de extrema afabilidade com todos: esposa, príncipes, criados, não se ouvindo uma só palavra em voz alta, que manifestasse irritação ou falta*”

¹⁰⁷ Summ. test. pp. 106-107, ad 35, Alfredo Kiesewetter.

¹⁰⁸ Summ. test. p. 52, Arquiduquesa Elisabete Carlota.

¹⁰⁹ Summ. docc. pp. 84-85, Duquesa Vitória Mensdorff Pouilly, “*Storia della Malattia*”.

¹¹⁰ Summ. test. p. 585, Imperatriz Zita.

¹¹¹ Summ. test. p. 586, Imperatriz Zita.

¹¹² Summ. test. p. 587, Imperatriz Zita; p. 807, ad 43, Padre Pál Zsámboki.

¹¹³ Summ. test. p. 806, Padre Pál Zsámboki.

de paciência. Com que alegria, por exemplo, recebeu a notícia do bom êxito da operação de seu filho na Suíça! Correu, solícito, mais de um quilômetro de distância, debaixo de uma chuva torrencial, para transmitir-me a notícia, exclamando: ‘uma grande preocupação a menos em minha vida, e quanto agradeço a Deus!’”¹¹⁴

Também o Bispo de Funchal disse que a estadia do Servo de Deus na Ilha da Madeira correspondia à graça de uma pregação, pelo exemplo que dava sobretudo às classes mais abonadas.¹¹⁵

Mas, mediante o seu comportamento, ficava claro que alguma coisa nele tinha-se mudado profundamente. A sua íntima união com Deus se tornara tão forte, a ponto de ser quase que palpável. O seu recolhimento durante a Missa tinha se tornado até mesmo estático; naqueles momentos, todo o mundo externo desaparecia, tanto que não se conseguia chamar sua atenção nem tocando-o, nem puxando-o fortemente, como teve ocasião de constatar várias vezes a sua esposa Zita¹¹⁶ e os habitantes da ilha, que ficaram edificadas com o seu comportamento.

Um dia, fixando o olhar no Santuário de Nossa Senhora do Monte, disse à sua esposa: “Não gostaria de morrer aqui”, mas, logo em seguida, acrescentou com grande resolução: “O bom Deus fará aquilo que quiser”.¹¹⁷

Tinha compreendido claramente que Deus lhe pedia um sacrifício extremo para a salvação dos seus povos: o sacrifício da própria vida.

Estava convencido de “que a oração do pai penetra através das nuvens. Parte de meus filhos¹¹⁸ renegou a fé, outros correm o risco de dividir a mesma sorte. Assim, devo lutar continuamente diante de Deus, para reconduzir uns e preservar outros da mesma desgraça”.¹¹⁹

Agora, para ele, toda renúncia era possível, por amor a Deus, mesmo aquela de sua família porque – respondeu à sua esposa, sempre mais assustada – “Deus deu-me a graça de que, sobre a terra, não exista mais nada que eu não esteja pronto a sacrificar por seu amor, para o bem da Santa Igreja” e, à pergunta se entendia a Igreja na pátria, respondeu: “não posso mais separar pátria e Igreja”.¹²⁰

A última cerimônia pública da qual o Imperador participou junto com seus filhos mais velhos foi a bênção do relógio da torre da Catedral, do qual foi padrinho.¹²¹ Foi calorosamente acolhido pela população de Funchal, a qual tinha conquistado na sua breve estadia.

No dia 9 de março, inicia-se a subida do Monte Calvário do Servo de Deus que culminará em 1º de abril, quando Carlos, Imperador da Áustria e Rei da Hungria, entregará sua bela alma ao Pai, certo de receber dele “o prêmio da vida eterna, onde poderá gozar da visão beatífica e descansar, enfim, no Coração de seu Mestre, dentro daquele Coração que sempre foi o seu refúgio, a sua segurança, a sua esperança absoluta”.¹²²

Aquilo que parecia uma banal e inócua gripe revelou-se uma devastadora pneumonia. Mas, nos 22 dias de sua fatal doença, “nunca manifestou um movimento de

¹¹⁴ Summ. test. pp. 897-898, § 115, Monsenhor Antônio Homem de Gouveia, Cônego da Catedral de Funchal.

¹¹⁵ Summ. test. p. 902, S. Excia. Revma. Dom Antônio Manuel Pereira Ribeiro, Bispo de Funchal.

¹¹⁶ Summ. test. pp. 616-617, Imperatriz Zita.

¹¹⁷ Summ. test. p. 581, Imperatriz Zita.

¹¹⁸ NT: Aqui, o Imperador está se referindo ao seu papel de monarca como um pai para seus povos, não aos seus filhos com Zita.

¹¹⁹ Summ. test. p. 580, Imperatriz Zita.

¹²⁰ Summ. test. p. 582, Imperatriz Zita.

¹²¹ Summ. test. p. 122, Duque Maximiliano von Hohenberg.

¹²² Summ. test. p. 872, Madre Maria Antônia de Bourbon-Parma.

*impaciência, nunca se lamentou, apesar da terrível opressão para respirar, da tosse atormentadora, da sede ardente, da fraqueza paralisante, apesar dos dolorosos tratamentos, das inúmeras injeções e de duas doloridas úlceras”.*¹²³

No decorrer de toda a doença, o Servo de Deus rezava ininterruptamente e, quando a voz lhe faltava, então continuava sua oração interior. Sua única preocupação era não cansar sua esposa e aqueles que estavam cuidando dele. Ademais, esta característica o tinha acompanhado todos os dias de sua vida, também quando Imperador.

Quando compreendeu que seu fim estava iminente, quis conversar com sua esposa Zita sobre a futura educação dos filhos, com particular atenção à instrução religiosa, especialmente do primogênito. Para a escolha do tutor varão, Zita recebeu diretivas específicas: *“Devido às rivalidades nacionais dos grupos monarquistas, poderia surgir dificuldade para a nomeação. O Servo de Deus deu-me a ordem explícita de escolher como tutor um estrangeiro (...) que oferecesse garantia para uma educação perfeitamente católica e para inflamar a alma juvenil com os ideais católicos, mesmo se isso significasse dano na formação política”.*¹²⁴

Tão logo a população soube da doença do *“bom Rei Carlos”*, começou a rezar e ofereceu a procissão anual com Cristo Redentor como *rogatio* para a sua pronta recuperação. Também os foguetes, que normalmente eram soltos em tal ocasião, foram suspensos para não perturbar o repouso do enfermo.¹²⁵

Naqueles prolongados dias, o seu maior desejo era o de poder assistir à Santa Missa e receber a Comunhão, mas a errada concepção de que os remédios quebravam o jejum eucarístico, constrangeram-no a *“sacrificar o mais terno desejo de seu coração”*,¹²⁶ até que o reverendo Padre Zsámboki, seu último capelão, persuadiu-o, explicando-lhe paulatinamente repetidas vezes, que não era necessário, para um homem assim doente, observar o jejum eucarístico.¹²⁷ A partir daquele dia, ficou felicíssimo por poder receber a Comunhão todos os dias, até a sua morte.

O agravar-se da doença, os freqüentes colapsos, a ineficácia dos dolorosíssimos tratamentos, levaram a pressagiar o aproximar-se do funesto acontecimento. Desta forma, a Arquiduquesa Maria Teresa, avó do Servo de Deus, aconselhou-o a receber a Extrema-Unção, mas *“ele, embora se confessasse regularmente a cada oito dias, quis fazê-lo novamente, perdando a todos aqueles que trabalharam contra si e oferecendo suas orações e sofrimentos pelos seus perseguidores”.*¹²⁸

Quis também que na Extrema-Unção estivesse presente seu primogênito Otto, para que *“lhe ficasse uma lembrança e um exemplo para a vida, a fim de que também ele saiba, um dia, o que deve fazer neste caso como verdadeiro católico e Imperador”.*¹²⁹

Pediu que lhe fossem lidas as orações e as cerimônias do ritual de modo a preparar-se com maior consciência. *“O enfermo recebeu a Extrema-Unção com grande devoção, estendeu ele mesmo as mãos para a unção e rezava, também ele, as orações do sacerdote. Para ele, o mundo externo tinha desaparecido. Depois da Extrema-Unção, dei-lhe a bênção do Santo Padre, de quem sempre fora um filho fiel”.*¹³⁰ Assim recorda o Padre Zsámboki.

¹²³ Summ. docc. p. 86, Ana Hubalek Pohl.

¹²⁴ Summ. test. p. 586, Imperatriz Zita.

¹²⁵ Summ. docc. p. 91, Ana Hubalek Pohl.

¹²⁶ Summ. docc. p. 123, Duque Maximiliano von Hohenberg.

¹²⁷ Summ. test. p. 817, Padre Pál Zsámboki.

¹²⁸ Summ. docc. pp. 93-94, Ana Hubalek Pohl.

¹²⁹ Summ. docc. pp. 93-94, Ana Hubalek Pohl.

¹³⁰ Summ. docc. p. 125, Duque Maximiliano von Hohenberg.

Durante a última noite de sua vida terrena, sofreu muito, mas ofereceu seus sofrimentos para Cristo: *“Preciso sofrer tanto assim para que meus povos possam se unir novamente”*. *“Naquela noite atormentava-o uma grande sede, mas era preciso adivinhar o que ele desejava. Muitas vezes, preferia ficar deitado por horas numa posição mais incômoda a exprimir uma queixa ou manifestar um desejo. Por cada serviço que lhe era prestado, agradecia com comovente cordialidade”*.¹³¹ Ao sofrimento físico, unia-se o moral: a preocupação pelo futuro da esposa e dos filhos, da sua pátria, a distância dos seus fiéis... Mas, encontrava consolação para suas penas no Sagrado Coração de Jesus. *“Se não fosse isso – disse –, seria impossível suportar esses sofrimentos”*.¹³²

No dia de sua morte, depois de ter recebido a Santa Comunhão, permaneceu completamente recolhido em si mesmo, murmurando jaculatórias, dentre as quais *“Jesus, em ti eu vivo; Jesus, em ti eu morro”* era a mais freqüente. O Padre Zsámboki deu-se conta de que ele *“olhava ardentemente a píxide, e foi por isso que ficou de pé, segurando o Santíssimo, quase diante do rosto do moribundo”*.¹³³ Após algum tempo, pediu insistentemente para receber o Viático, e, depois de tê-lo recebido, *“o Imperador disse com grande fervor: Nos braços do Redentor... você e eu e os nossos amados filhos...”*. Em seguida, recitou o ato de contrição perfeita e recomendou ao Senhor cada um de seus filhos, pedindo para que os preservasse no corpo e na alma. *‘Deixai-os antes morrer que cometer um pecado mortal. Assim seja’*.¹³⁴ E beijou repetidas vezes a imagem do Sagrado Coração de Jesus que lhe foi aproximada dos lábios.

Depois a situação degenerou rapidamente. Os médicos bombearam oxigênio diretamente nos seus pulmões, mas inutilmente. *“Depois, ouviu-se ainda com voz muito suave: ‘Jesus, meu Jesus... Sim, meu Jesus, como vós o quereis... Jesus!’ Estas frases soavam como fragmentos de um diálogo que ele mantinha com seu Salvador. O mundo já não mais existia para ele. (...) Os lábios murmuravam orações; o olhar tornou-se distante, como se já olhasse para um outro mundo. Apesar de todos os sofrimentos, sua expressão era tão serena e doce, como nunca se viu em Sua Majestade sequer nos melhores dias. (...) Ainda duas, três respirações e um leve suspiro... e o nobre coração cessou de bater.*

Embora profundamente comovido com a morte de Sua Majestade – dirá o Padre Zsámboki –, estava muito tranqüilo sobre a sorte do defunto, como nunca estive em outros casos”.¹³⁵

O seu desapego aos bens terrenos era tão radical e seu guarda-roupa de tal modo exíguo, que foi preciso pedir de volta um casaco que, algum tempo atrás, o Rei tinha dado a um de seus criados, para que fosse sepultado com ele.¹³⁶

À notícia da morte do Imperador, o povo do lugar acorreu em massa e, por horas, passaram ao lado de seu esquife na capela preparada em casa, tocando aí terços e objetos de piedade em sinal de devoção.¹³⁷ Aquele homem simples, humilde e cordial, cheio de cuidados e atenções para com seu próximo, capaz de estabelecer com os ricos e com os pobres um verdadeiro relacionamento humano, tinha conquistado o coração dos habitantes da ilha em apenas cinco meses, sem o esplendor do cetro e da coroa. Eles não choravam um último Imperador, mas o bom Carlos, que na tribulação do exílio, tanto

¹³¹ Summ. docc. p. 126, Duque Maximiliano von Hohenberg.

¹³² Summ. docc. p. 127, Ana Tachezy.

¹³³ Summ. docc. p. 127, Ana Tachezy.

¹³⁴ Summ. docc. p. 128, Ana Tachezy.

¹³⁵ Summ. docc. p. 129, Ana Tachezy.

¹³⁶ Summ. test. pp. 809-810, Padre Pál Zsámboki.

¹³⁷ Summ. test. p. 823, Padre Pál Zsámboki.

soubera edificá-los com seu comportamento profundamente humano e cristão. A este homem, enamorado de Jesus, os habitantes de Funchal tributavam a honra e o afeto.

De seu funeral participaram cerca de 30.000 pessoas; o comércio permaneceu fechado. O Bispo e os Cônegos de Funchal, junto a outros sacerdotes que celebraram o seu funeral, falaram dele como de um santo, e o seu corpo foi sepultado na bela igreja de Nossa Senhora do Monte.¹³⁸

Mas, se com tal morte encerrava-se a vida religiosa terrena do Imperador e Rei Carlos de Habsburgo, outra bem mais importante se iniciava: aquela nos braços de seu Redentor, o doador daquela paz que tanto desejou em sua vida. É Jesus que levantou seu humilde servo do pó do exílio para a glória dos altares.

¹³⁸ Summ. test. pp. 823-824, Padre Pál Zsámboki.